

O Topónimo Veiros – Provável Étimo I

Não tenho dúvidas de que das terras marinhoas Veiros é a mais antiga, se não com este nome, com outro, talvez Telhões, a “Villa Tellionis” dos Suecos e Visigodos, setecentos anos antes do “Veeyors” da carta de foral de D. Sancho. Se *Villa Valerius* for hipótese confirmável como origem do topónimo, então se poderá dizer que remonta a tempos romanos, se não pré-romanos; “Villa” é palavra latina para quinta, a herdade mãe de muitas terras pelo mundo romano. O nome de um lugar, dantes o mais conhecido entre outros contíguos, terá cedido perante um deles, assim Cabanões, que deve o nome às cabanas dos colonos que desciam de Arouca e terras vizinhas pela Primavera para semear pão, e depois do São Miguel para as colheitas, que cedeu perante Ovar, por sua vez do rio que por ali passa. Terá acontecido o mesmo com os Telhões que, não desaparecendo, ficou lugar de Veiros. Ora por esta via se prova que Veiros como terra é mesmo romana.

Aqui, como se um parêntese. Folheando o segundo volume das “Notas Marinhoas” do dr. José Tavares, deparou-se-me a sua explicação para o nome de Cruz, o lugar que se segue ao lado das Olas na estrada de Estarreja. A tradição diz que da cruz que ali se erguia para marcar o sítio do encontro da confraria de Beduído e da de Veiros, num tempo em que, sendo a paróquia de Veiros curato da outra, nela não haveria cemitério, pelo que o esquife seria confinado à confraria de Beduído para aqui ser dado à terra. Ora, erguida a igreja de Veiros, que foi condição para se estabelecer a paróquia, não se compreende que a sua confraria não seguisse directamente para a igreja de S. Tiago. Por outro lado, por que não se abriam as sepulturas no adro da de Veiros? É do meu tempo que os sepultamentos se fizessem ali e no cemitério anexo, hoje uma praceta arborizada onde, no Dia da Freguesia, com esquecimento de que o chão é de cadaveroso, se assa um cevado e dele e ali se banqueteam os festeiros. Para o dr. José Tavares o nome de Cruz para o lugar terá provindo de um cruzamento de caminhos; eu diria uma encruzilhada na solidão dos pinhais, sítio de assaltos e outras africanas como de algum assassínio à porretada: então, como memória, ali umas “alminhas” como conheci algumas e era de uso, e uma cruz com o apelo PNAV. Mas isto é fantasia. Lugar de encontro de confrarias é que não. Esse tempo o caminho para Beduído não passava pelo lugar da Cruz, mas pela estrada do Molarinho que, vinda da Póvoa, através de Veiros se prolongava até à Murtosa para onde cortava e ainda corta na Santa Luzia. Voltas e mais voltas. Do tempo dos meus avós é a que passa agora pelo lugar da Cruz, talvez um caminho de areia, e que substituiu outrora a do Molarinho recentemente reconstruída, parece que bem. A haver encontro de confrarias teria sido na Póvoa, onde principia Beduído.

A actual estrada para a Murtosa é obra do dr. João Carlos de Assis Pereira de Melo, da Casa da Mâmoa. Não conheci o senhor, mas lembro-me bem da viúva, D. Maria Generosa. Foi à saída da missa. Uma aparição para nós, os miúdos, a canalha, como se dizia e diz. Ainda lhe trago a imagem na lembrança: alta, bem apessoada, muito branca, daquela brancura de quem vivia no seu recato, e nós embasbacados perante a senhora, que não nos parecia deste mundo: se se nos declarasse “Nossa Senhora”, não teríamos dúvidas em acreditar, e logo o proclamariamos “urbi et orbi” com a inocência da idade. E em Veiros teria acontecido um milagre.

Vivia o dr. João Carlos na sua casa da Mâmoa. Este nome tem dado azo a muitas fantasias, que até em enciclopédias se apresentam como verosímeis. Que lhe teria dado origem uma mâmoa ou mamoa, uma anta, que é monumento megalítico, coisa da história – quando ao chão das terras marinhoas e cobria o nosso mar! Pois bem, o que baptizou o lugar foi um médão, uma grande duna como o desaparecido Monte Branco

da Torreira. As terras marinhoas semeou-as o vento; ali dantes só areias que o homem tornou com a ajuda do moliço em campos úberes. Um mar de areia, dunas e mais dunas aqui e ali, até que as arrasou o tempo, se não o homem. De uma assim nos diz o dr. José Tavares nas “Notas Marinhoas”, citando de um documento: “uma pequena terra na Verga, onde chamavam Outeiro Branco, deste lugar de Veiros”, que em 1678 um tal Manuel Resende da Cruz comprou a um Francisco Jorge, do Monte. A terra entestava no lugar do mar com “as areias soltas” do tal outeiro. Essa a mamoa ou mâmoa que a erosão apagou, até da memória dos homens. Prevaleceu o chamadoiro. Não terá origem semelhante o lugar do Outeiro, onde hoje não há nenhum? Também na Murtosa há Mamaparda, sugestivo em terra chã. Dos outros lugares de Veiros (como dos mais do aro do Outeiro da Marinha, vulgo Estarreja) seria curioso saber-lhes o étimo, para que não haveria mister subsídio da Câmara maior do que para o forrobodó carnavalesco, antes pelo contrário; difícil será encontrar a pessoa certa, uma que não se deixe ir em cantigas de etimologias populares, quase sempre falaciosas, e a quem não falhe a “basezinha” que infelizmente não é o forte dos novos mestres do Idioma. Muito gostava eu de saber o porquê de nomes como Esquinto, Cabeças, Olas, Madeiro, etc., etc., tudo isto em Veiros (“Cabeças” não serão “cabeços”, outro nome de dunas?). E, claro, também das outras freguesias. Um estudo destes em todo o concelho, mas sério, não fogo-fátuo ou de artifício, nem que só iniciado, marcaria com pedra branca um pelouro cultural.

Vêm as palavras umas atrás das outras como as cerejas; chego assim aqui sem justificar o título do artigo, pelo que, dada a escassez do espaço, lhe dou remate provisório até, se houver vida e saúde, lhe dar continuidade e lógica.

Lisboa, 2-3 – 03

Joaquim Lagoeiro